

## **Atravessar o silêncio: literatura de autoria feminina e os modos de pensar resistência, memória e identidade**

Tamara Roza Campos Amaral  
Universidade Federal Fluminense (UFF)  
[tamararoza@gmail.com](mailto:tamararoza@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-4044-8566>

Bianca Gomes Borges Macedo  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
[bianca.mac@gmail.com](mailto:bianca.mac@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0003-2883-2589>

A literatura de autoria feminina constitui um território histórico de disputa, contestação e reconfiguração política. Longe de se reduzir ao registro passivo da experiência, o ato de escrever das mulheres surge como uma práxis de resistência simbólica frente às engrenagens do patriarcado.

O dossiê nº 51, intitulado “*Escritoras em Tempos de Opressão*”, convida o leitor a um exercício de reflexão acerca da escrita feminina. Em vez de buscar uma síntese homogênea da produção literária de mulheres, os estudos reunidos deste dossiê afastam-se de qualquer pretensão panorâmica ou totalizante acerca da escrita de autoria feminina. Nele o que o leitor vai encontrar são investigações de experiências, textualidades e problemáticas específicas que evidenciam a heterogeneidade constitutiva desse campo crítico.

A escrita de autoria feminina constitui um vetor analítico fulcral para a desconstrução das estruturas de dominação patriarcal e para a exegese crítica da contemporaneidade. Ao evidenciar a interseccionalidade entre gênero, classe e raça como eixos estruturantes da experiência humana, autoras como Simone de Beauvoir, Djamilia Ribeiro, Hilda Hilst, Virgínia Woolf, Conceição Evaristo, Isabela Figueiredo, Paulina Chiziane, Adrienne Rich, Judith Butler, Hélène Cixous, Rita Segato, bell hooks, entre outras, articulam contra narrativas que problematizam as normas hegemônicas, legitimam discursos historicamente subalternizados e desvelam assimetrias sistêmicas.

Arquivo de resistências, a escrita de autoria feminina demonstra que a opressão sofrida pelas mulheres não é uma experiência universal ou homogênea. Autoras negras e periféricas, como Conceição Evaristo e Audre Lorde, utilizam a literatura para dar corpo e voz às violências quotidianas geradas pelo racismo e pelo capitalismo estrutural, ao passo que a escrita crua de Isabela Figueiredo expõe sem concessões o impacto do colonialismo, do racismo e do preconceito de classe no corpo das mulheres. Simultaneamente, ao integrarem as dissidências sexuais nas suas narrativas e ao praticarem aquilo que Hélène Cixous conceptualizou como a “escrita feminina” — um ato revolucionário de inscrição do corpo e do desejo na linguagem —, estas escritoras subvertem a norma patriarcal e colonial, transformando a dor e a marginalização em ferramentas de poder político que desafiam o leitor a reconhecer que nenhuma libertação será real enquanto persistir qualquer forma combinada de discriminação.

O sinuoso avanço da escrita de autoria feminina reflete uma trajetória histórica de rupturas, na qual a literatura se consolidou como um território crucial para a emancipação do feminino. No cenário contemporâneo, as discussões feministas expandiram essas fronteiras tradicionais ao conectar a produção literária à urgência de dar voz e visibilidade aos corpos dissidentes, que desafiam as normas hegemônicas de gênero, raça e sexualidade.

Essa necessidade de romper com o silenciamento histórico conecta-se diretamente à convocação de Hélène Cixous: “É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos” (Cixous, 2022, p. 45). As palavras da autora indicam o ato de escrever como um gesto político no qual inscrever a própria história na página significa, fundamentalmente, reinscrever o próprio corpo no mundo.

Assim, nesse dossiê, pesquisadoras e pesquisadores instigam os leitores a formular perguntas fundamentais para a crítica literária contemporânea, investigando como a palavra poética e ficcional consegue desestabilizar as normas sociais que regulam corpos, afetos e identidades, ao mesmo tempo em que avalia de que maneira a configuração do eu lírico e a construção de personagens femininas operam como vetores de subversão diante da violência institucionalizada.

Os trabalhos aqui reunidos não apenas diagnosticam as múltiplas faces da exclusão e da violência simbólica no espaço público e intelectual. Eles desafiam o próprio cânone ocidental ao tensionar a historiografia literária tradicional.

Nesta edição, contamos com 14 artigos que corroboram para a discussão sobre a escrita feminina não como um tema isolado, mas como uma força estética e política central para a compreensão das fraturas do nosso tempo.

No artigo “Gênero, território e violência: uma leitura interseccional da experiência das mulheres rurais moçambicanas em *Ventos do apocalipse*, de Paulina Chiziane”, Amosse Jorge Gelo configura o romance de Chiziane como ferramenta fundamental para a crítica feminista à medida que a autora revela as violências que ocorrem no entrelaçamento de diferentes sistemas de poder por meio da obra.

Já o artigo “Vozes silenciadas: uma análise materialista do conto “Maria” (2016), de Conceição Evaristo”, sob uma perspectiva materialista, Antonio Kleiton investiga as questões simbólicas no conto “Maria” (2016), analisando como condições sociais moldam a vida da personagem, mulher negra, pobre e trabalhadora no Brasil.

Em “Mrs Woolf and Mrs Morrison: das possibilidades de um modernismo inacabado e espiralar a partir de autoras femininas”, Daniel Moreira Safadi investiga as convergências entre as autoras Virginia Woolf e Toni Morrison, levando a reflexões sobre o contexto da escrita de autoria feminina e a mobilização da ficção como espaço de resistência epistemológica e ontológica.

Em “Notas sobre a política feminina-vegetal em *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector”, Fabrício Lemos da Costa enfatiza os objetos de origem vegetal, analisando-os na perspectiva da política feminina e em diálogo com outras artes visuais. Sua reflexão explora representações botânicas que evocam um mundo primário e escatológico, baseando-se na imaginação visual da personagem G.H.

No artigo “As formas de evocar o silêncio na poesia de Orides Fontela”, Fernanda Sampaio Gomes dos Santos propõe a leitura da poesia de Orides como um exercício de escuta do indizível e como uma forma de articulação do ser com a ausência, do dizer com o calar, criando uma poética da lacuna e da sugestão, na qual o sentido se faz na tensão entre palavra e silêncio.

Em “Pós-colonialismo e as relações de gênero e interseccionalidade no conto “Réplica” (2017), de Chimamanda Adichie”, sob a lente da teoria pós-colonial, da crítica

feminista e da perspectiva interseccional, Geovani Augusto Nunes busca a compreensão sobre as adversidades enfrentadas pela protagonista, uma mulher negra inserida no contexto de uma sociedade racista e machista.

Em “Identidade, memória e aceitação: considerações e efeitos do trauma infantil no romance *Deus ajude essa criança* (2015), de Toni Morrison”, Laura Capoani Amaro aborda o tema do abuso infantil e seus efeitos na construção de identidade, no impacto na memória e no processo de aceitação, a partir de pensamentos sobre as questões do colorismo, do racismo e da negligência materna na trajetória da personagem feminina Bride.

“Entre a tradição e a subjetividade: a condição feminina nas obras de Maria Judite de Carvalho e Maria Amália Vaz de Carvalho” traz Marcela Ansaloni de Azevedo em uma análise comparativa da representação da condição feminina nos contos “Duas faces de uma medalha” (2007) e “Seta Despedida” (2019), concluindo que, apesar da distância temporal entre as obras, ambas as autoras denunciam a aniquilação da subjetividade e a persistente dificuldade de autonomia da mulher no campo literário e social.

Já em “Tecendo a memória de uma infância negra: representações, identidade e resistência em *Diário de Bitita*”, Maria Heloisa Santos Gregorio, Gabriel Augusto Gomes da Silva e Maikel Pons Giralt analisam a obra de Carolina Maria de Jesus como uma escrita de memória atravessada pela crítica social e pela resistência. A partir de discussões sobre escrevivência, oralidade e interseccionalidade, o estudo investiga como a autora constrói uma contranarrativa da infância negra no Brasil pós-abolição, evidenciando experiências de racismo, exclusão e pobreza, mas também de formação identitária e afirmação subjetiva. Desse modo, o artigo destaca a relevância da obra como registro da memória social brasileira e como expressão literária das vozes historicamente marginalizadas.

Por sua vez, em “Justiça e liberdade: uma poética de resistência em Sophia de Mello Breyner Andresen”, Maria Ottilia Rodrigues Cruz e Maria Eduarda Freitas Moraes analisam a dimensão social da lírica da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen a partir das reflexões estéticas de Theodor W. Adorno. O estudo discute como a poesia andreseniana articula subjetividade, linguagem e experiência histórica, compreendendo a escrita poética como forma de resistência às opressões sociais e à lógica de alienação da modernidade. Nesse sentido, o artigo evidencia como a autora transforma

a palavra poética em espaço de defesa da liberdade, da justiça e da dignidade humana, aproximando experiência individual e dimensão coletiva.

No artigo “Entre lembranças e silêncios: a paisagem literária da velhice em *As horas nuas*, de Lygia Fagundes Telles”, Marília Garcia Boldorini, Roberta Barros Meira e Mariluci Neis Carelli problematizam a personagem Rosa Ambrósio através da temática do envelhecimento e os impactos em sua vida profissional, pessoal, familiar e amorosa. A descrição da paisagem como um espelho do momento sócio-histórico em que a autora vive adensa as discussões sobre as dificuldades e os preconceitos que um corpo feminino envelhecido enfrenta.

Em “Do lar à pena: a escrita de Beatriz Delgado como espaço de emancipação feminina”, Marseille Lopes Costa destaca a poetisa portuguesa Beatriz Delgado e a sua afirmação no campo intelectual, trazendo a análise da crônica “Sexo Fraco” (1926) como instrumento de contestação aos estereótipos de gênero e reivindicação de um papel ativo para a mulher moderna na esfera pública e intelectual.

O artigo “*Famintos...* (1950), de Carmen de Figueiredo: a questão homoerótica em Manuela” reúne as análises de Maurício Félix e Jorge Vicente Valentim acerca da personagem Manuela, sob os vieses de estudos sobre o homoerotismo, buscando retirar a autora do armário segregador do ostracismo, uma vez que seu texto confronta um país ortodoxo, dominado pela Igreja Católica.

Por fim, em “O retrato da velhice feminina em contos de Júlia Lopes de Almeida”, Nathascha Hoffmann Marczisnki considera a relevância do estudo da condição feminina em seus variados aspectos e dialoga sobre a temática do envelhecimento da mulher em sua análise do retrato da velhice feminina na sociedade brasileira oitocentista nos contos “A morte da velha” (2020) e “As três irmãs” (2020), de Júlia Lopes de Almeida.

Além desses textos, o número possui duas entrevistas que abordam a autoria feminina no âmbito do cânone literário e do apagamento histórico das mulheres na literatura. Também contamos com resenhas e artigos de tema livre na área dos estudos literários.

Os estudos reunidos nesse dossiê convergem para a análise da escrita de autoria feminina enquanto campo de elaboração crítica das formas históricas de subalternização produzidas pelas articulações entre gênero, raça, classe, sexualidade e colonialidade. A partir de distintos recortes teóricos e *corpus* literários heterogêneos, os trabalhos

examinam os modos pelos quais a literatura tensiona dispositivos normativos responsáveis pela regulação dos corpos, da subjetividade e da memória, evidenciando tanto a persistência de estruturas de violência simbólica quanto os mecanismos discursivos de resistência inscritos na linguagem literária. As reflexões propostas mobilizam questões relativas à precarização da experiência feminina, à constituição de identidades dissidentes, às dinâmicas de silenciamento, ao envelhecimento, à homoafetividade, ao trauma e às formas de disciplinamento social e retórico do corpo feminino, demonstrando como a produção literária de autoria feminina opera simultaneamente como objeto estético e como prática de intervenção crítica no interior das formações culturais e históricas.

Ao articular perspectivas provenientes da crítica feminista, dos estudos pós-coloniais, da teoria interseccional e da historiografia literária, este dossiê evidencia a insuficiência de leituras universalizantes acerca da experiência feminina e reafirma a necessidade de abordagens críticas atentas às múltiplas formas de inscrição da diferença no texto literário. Nesse sentido, os trabalhos aqui reunidos não apenas revisitam tradições canônicas e marginalizadas, mas também interrogam os próprios critérios de legitimação do campo literário, deslocando categorias estabilizadas de autoria, representação e valor estético. *Escritoras em Tempos de Opressão* propõe, assim, um espaço de reflexão voltado à compreensão das relações entre literatura, poder e subjetividade, destacando a centralidade da escrita de autoria feminina para a reconfiguração crítica dos debates contemporâneos acerca da cultura, da memória e das formas de produção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

**Tamara Roza Campos Amaral:** doutoranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF, sob orientação de Ida Alves, onde

desenvolve pesquisa sobre a poética de Ana Luísa Amaral, com foco no jogo de vozes. Possui Mestrado (2023) e Especialização (2020) em Literatura Portuguesa pela UERJ, orientada por Carlos Eduardo Soares da Cruz; no mestrado, investigou a poética de Golgona Anghel. Integra o grupo de pesquisa Poesia e Contemporaneidade (UFF), coordenado por Célia Pedrosa e Ida Alves, e o grupo Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, no qual atua desde 2020. Foi pesquisadora júnior do Real Gabinete Português de Leitura (2020–2021), no projeto Páginas paisagens Luso-Brasileiras, com financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian. É licenciada em Letras pela UFRRJ e atualmente integra o quadro efetivo de docentes municipal (SEMED/Japeri), além de tutora a distância na disciplina de Literaturas Africanas II (UFF/CEDERJ).

**Bianca Gomes Borges Macedo:** doutoranda em Letras (Literatura Portuguesa), pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil - CAPES, pesquisa a produção contística de escritoras oitocentistas e a escrita de autoria feminina na imprensa periódica operária portuguesa entre os séculos XIX e XX, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo da Cruz. Mestre em Letras (Literatura Portuguesa) também pela UERJ, seus estudos se debruçam sobre as representações das personagens femininas e a autonomia das mulheres nas narrativas de autoria feminina.